



O MUSEU COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Katharine F. TEIXEIRA¹

RESUMO

O presente artigo analisa o papel do museu no ensino de História sob uma perspectiva crítica da educação patrimonial, por meio de revisão bibliográfica fundamentada em autores como Ramos, Bitte e Chagas. A partir de reflexões sobre o espaço museal como locus de formação docente e mediação cultural, o estudo evidencia a importância da leitura crítica dos objetos e da articulação entre sala de aula e visita aos museus. Considerando o museu como um espaço de disputas de memória e construção de sentido, defende-se seu uso como ferramenta para o desenvolvimento da consciência histórica e da competência narrativa dos estudantes.

Palavras-chave:

Memória; Museu; Formação docente; Mediação cultural.

1. INTRODUÇÃO

O ensino de História, comprometido com a formação crítica e cidadã, demanda práticas pedagógicas que extrapolem os limites da sala de aula tradicional. Nesse sentido, o museu, enquanto instituição social que preserva, interpreta e comunica patrimônios culturais, emerge como espaço privilegiado para o desenvolvimento da consciência histórica. A presente revisão bibliográfica, baseada nas obras de Bitte (2024), Ramos (2004) e Chagas (2004), propõe-se a discutir o papel do museu no ensino de História, evidenciando suas potencialidades como espaço de aprendizagem, sensibilização e problematização do passado.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para Francisco Régis Lopes Ramos, os objetos presentes em exposições museológicas não devem ser encarados apenas como testemunhos do passado, mas como indícios culturais que provocam questionamentos e produzem sentidos. Essa proposta rompe com a lógica do “museu-templo”, voltado à mera celebração e preservação de elementos do passado, para conceber o museu como espaço de debate, problematização e formação crítica. Ramos argumenta que uma visita ao museu, quando conduzida sob um olhar crítico, permite ao estudante perceber relações entre o tempo presente e o passado, reconhecendo a historicidade dos objetos como ponto de partida para a compreensão das múltiplas dimensões da experiência humana. Nesse sentido, o autor

¹Graduanda em Licenciatura em História pelo Instituto Federal do Sul de Minas Gerais – IFSULDEMINAS. E-mail: Kathariefernandes2002@gmail.com

defende que o ensino de História deve fazer do museu um espaço de provocação e construção de problemáticas, e não apenas um local de coleta de dados e informações estáticas.

Já Regina Celi Frechiani Bitte (2024), ao refletir sobre a formação de professores de História, destaca o museu como locus privilegiado de articulação entre teoria e prática pedagógica. A autora ressalta que a mediação docente é fundamental para que a visita ao espaço museal ultrapasse o caráter contemplativo e se transforme em uma experiência significativa de aprendizagem. Em sua pesquisa com estudantes de Pedagogia no Museu Solar Monjardim, Bitte (2024) observa que o contato sensível com os objetos, aliado a uma abordagem dialógica e crítica, contribui para a ampliação da consciência histórica dos futuros professores. Ela reforça a importância da mediação cultural que envolve tanto a preparação prévia em sala de aula quanto a construção de reflexões posteriores à visita, permitindo aos alunos estabelecerem vínculos entre o acervo museológico, suas memórias e trajetórias pessoais.

Mário Chagas (2004), por sua vez, reforça o caráter polifônico e polissêmico dos museus, ao compreender os objetos como elementos vivos e disputados dentro do espaço social. O autor propõe uma museologia comprometida com a educação, a memória e a transformação social, defendendo que os museus devem acolher múltiplas vozes, histórias e perspectivas. Para ele, os objetos não comunicam sentidos únicos ou fixos, mas são atravessados por interpretações diversas e constituem-se como potentes mediadores da experiência educativa. Chagas argumenta que o museu deve ser um espaço de experiência, escuta e diálogo, e não apenas de transmissão unívoca de saberes autorizados. Ao valorizar o afeto, a imaginação e a sensibilidade, sua abordagem aponta para uma educação patrimonial crítica, que reconhece as dimensões subjetivas e sociais da construção da memória e da identidade.

Portanto, os autores analisados compartilham a concepção de que o museu, longe de ser um espaço neutro e estanque, deve ser compreendido como ambiente de formação e produção de saberes. O uso pedagógico do museu requer estratégias que mobilizem a experiência sensível, o pensamento crítico e a historicização da cultura material. A mediação docente, nesse contexto, torna-se essencial para potencializar a leitura dos objetos, conectando-os às questões do presente e à vida prática dos estudantes, conforme propõem Ramos (2004), Bitte (2024) e Chagas (2004).

3. MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho adota o método da revisão bibliográfica, reunindo e analisando produções acadêmicas que tratam da relação entre museu e ensino de História, com foco nas perspectivas críticas da educação patrimonial. As obras centrais utilizadas foram "A danação do objeto: o museu no ensino de história" (RAMOS, 2004), o artigo "O museu no ensino de história" (BITTE, 2024) e o livro "Diabruras do Saci: museu, memória, educação e patrimônio" (CHAGAS, 2004), com

ênfase em suas contribuições sobre mediação, cultura material e formação docente.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos textos permite compreender que o museu, enquanto espaço educativo, deve ser pensado como lugar de problematização e não apenas de exposição. Como já mencionado anteriormente, para Ramos (2004), o objeto musealizado deve ser tratado como fonte histórica, capaz de mobilizar sentidos e gerar múltiplas interpretações. Bitte (2024) reforça esse argumento ao relatar experiências formativas no Museu Solar Monjardim, nas quais os estudantes constroem leituras sensíveis e críticas a partir dos objetos expostos. Chagas (2004) propõe uma museologia que valoriza a pluralidade e o conflito das memórias, incentivando uma leitura do museu como espaço de disputa e negociação simbólica. Tais abordagens convergem para a defesa de uma prática pedagógica que articule teoria e experiência, permitindo ao estudante posicionar-se frente à história e às memórias institucionalizadas.

5. CONCLUSÃO

Conclui-se que o museu, quando abordado a partir de uma perspectiva crítica da educação patrimonial, pode assumir papel relevante na formação de professores de História. Ao articular teoria e prática por meio da cultura material, o museu contribui para o desenvolvimento da consciência histórica e para a construção de narrativas significativas. Nesse contexto, o espaço museal deixa de ser um local de mera contemplação e passa a ser compreendido como ambiente de escuta, reflexão e produção de saberes. Incorporar os museus às práticas pedagógicas permite ampliar o repertório dos estudantes, aproximando-os das múltiplas memórias que constituem a sociedade e tornando o ensino de História mais engajado e transformador.

REFERÊNCIAS

BITTE, Regina Celi Frechiani. **O museu no ensino de história**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 50, e272477, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202450272477por>. Acesso em: 31 jul. 2025.

CHAGAS, Mário. **Diabruras do Saci: museu, memória, educação e patrimônio**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/Ibram, 2004.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de história**. Fortaleza: Edições UECE, 2004.